

Café e Prosa: uma leitura identitária e territorial de idosos no centro de Florianópolis

Emmanuel dos Santos Costa¹

São nos momentos onde dispomos de tempo livre, que nos dedicamos aos amigos e às atividades de lazer. No caso de um grupo de idosos, tratam-se décadas de amizade e, para esses idosos que constituem objeto de nosso estudo, o laço fraternal ganha um nó ainda mais aprofundado pois, de modo geral, eles - supostamente aposentados, dispõem mais tempo livre, podendo, entre outras atribuições, cultivar antigas relações sociais de convivência, ou até mesmo construir novas. Este exemplo vem ao encontro para ilustrar o conceito de *território* abordado por Marcelo Lopes de Souza (1995, p. 78) como o “*espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder*”. Se considerarmos o ‘*poder*’ como a habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, de comum acordo² podemos associar esta reflexão à abordagem de Haesbaert (2007, p. 37):

O território, portanto, é construído no jogo entre material e imaterial funcional e simbólico. Poderíamos mesmo afirmar que as concepções de território capazes de responder melhor pela realidade contemporânea devem superar os dualismos fundamentais: tempo-espaço, fixação-mobilidade, funcional e simbólico [...]

Um território é construído pela inter-relação dos indivíduos em sobreposição entre si, gerando uma localidade específica primária capaz de atribuir, com o passar do tempo para si e entre os indivíduos envolvidos, valores materiais, funcionais e simbólicos até se constituir em um território delimitado que, por sua vez, após certo espaço de tempo (a temporalidade aqui não apresenta ritmo, depende das variáveis que a compõe), agregando tais valores, acaba remetendo os seus envolvidos a um sentimento *idílico*, ou seja, um sentimento que caracteriza e habilita o grupo a exercer territorialidade, a fazer do território que estão vivenciando, seu próprio território, com suas formas, funções, símbolos, crenças, tradições e valores.

O objetivo deste ensaio, portanto, é realizar uma leitura identitária e territorial acerca dos idosos que usufruem os espaços físicos do centro de Florianópolis, desde a origem desse fenômeno, no extinto ‘*Ponto Chic*’ até o recente processo de territorialização no ‘*Bob’s*’, famosa rede de *fast-food* brasileira, em uma das principais vias públicas do centro de Florianópolis e caracterizam ali seu território, assim como compreender de que modo se deu e se dá o exercício da territorialidade é tema a ser investigado neste trabalho.

¹ Graduando do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC; bolsista do grupo PET Geografia.

² “O ‘poder’ corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está ‘no poder’, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde originara-se o poder (*potestas in populo*, sem um povo ou um grupo não há poder), desaparece, ‘o seu poder’, também desaparece”. Arendt (apud SOUZA, 1995).

Segundo Souza (p. 99), territorialidade é aquilo que “no singular, remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território”.

Ainda a título de conceituação, para introduzir nosso pensamento a respeito de identidade, a abordagem de Haesbaerth (p. 42) sugere que a construção de uma identidade social se dá de forma dinâmica e contínua, ou seja, está sempre em curso e é antes múltipla e aberta a todos os tipos de re-construções do que possuir características próprias. Na verdade, uma identidade social não é construída sob hipótese alguma a partir de características próprias.

Identificando o ilhéu urbano

Nosso recorte espacial (ver anexo 1) está inserido na região central da Ilha de Santa Catarina³, inicialmente na esquina da Rua Felipe Schmitt com a Rua Trajano. Os idosos abordados em nosso estudo são, em sua maioria, ilhéus⁴ sucessores (atualmente já em pequena parcela) da geração que começou a constituir o território que abordaremos neste artigo, na referida esquina, em meados da década de 40, no botequim (hoje extinto) chamado *'Ponto Chic'* – o popular *'Senadinho'*. Após, devido à extinção do *'Ponto Chic'* que será abordada posteriormente neste ensaio, a conseqüente “migração” de alguns dos frequentadores do antigo *'Ponto Chic'* para o *'Bob's'*, rede de fast-food de alta rotatividade da porção central da urbe.

Sobre a identificação do ilhéu, Caldas Filho (1995, p. 17) diz que:

É notório que o habitante da Ilha Santa de Santa Catarina – tanto o chamado Manezinho de origem açoriana, como o ilhéu urbano – possui temperamento espirituoso, descontraído e folgazão. Por estas características é até denominado como o “carioca do sul” em função das mútuas afinidades com o morador do Rio de Janeiro [...]

Para Fantin (2000, p. 155) a figura do “manezinho” da ilha é “considerada um dos símbolos da cidade”. Na terminologia abordada pela autora, o “‘manezinho’ é o nativo da Ilha de Santa Catarina de origem açoriana que se caracteriza por seu linguajar rápido, melodioso e muitas vezes incompreensível para ouvidos “estrangeiros””. Existe porém, para alguns autores, uma separação no que diz respeito à origem do manezinho: o “manezinho da ilha” e o “ilhéu urbano”. Segundo Caldas Filho (p. 19):

O primeiro seria o beira-de-praia, o pescador, ou descendente de pescador, contador de lorota, com seu típico linguajar açoriano, mais rápido do que uma metralhadora, adepto de um bom papo de venda quando não está no mar, onde sempre acontecem as mais incríveis aventuras.

Já o ilhéu urbano adora uma fofoca no “senadinho”, bebe nos bares do Mercado (público)⁵, é chegado a um carteadado e a jogos de azar em geral (...) é sempre o primeiro a chegar com as últimas.

³ Nome da ilha na qual se situa a porção insular do município de Florianópolis.

⁴ Ilhéu é o nome dado àquele nascido na Ilha de Santa Catarina. Todo ilhéu é um florianópolis, mas nem todo florianópolis é um ilhéu, visto que Florianópolis é constituída de uma parte insular e outra continental.

⁵ Grifo nosso.

Ainda que a descrição de Fantin caracterize, de modo geral, o sotaque e os “trejeitos” do florianopolitano, encarnado na figura do “manezinho da ilha”, para efeito conceitual deste ensaio, usaremos as abordagens referidas tratando o grupo objeto de nosso estudo como o “ilhéu urbano”, em virtude do fato que à época existia apenas uma ponte ligando a parte insular (onde está o recorte espacial do trabalho) à parte continental da cidade: a ponte Hercílio Luz, hoje cartão postal de Florianópolis. Neste sentido, não havia naquele tempo uma dinâmica urbana acelerada como a de hoje. Conseqüentemente os habitantes da parte continental não possuíam fortes laços sociais com os ilhéus.

Por sua vez, dada a dificuldade logística da época, os “manezinhos”, aqueles que moravam no interior da ilha, também não possuíam esse tipo de ligação com os ilhéus urbanos. Seu Nilton, um dos entrevistados, esclareceu em seu depoimento:

Eu morava do lado de lá (da ponte), ‘né’? ‘Daí’ a gente não tinha muito contato, eu freqüentava de vez em quando, mas não tinha muita amizade, naquele tempo era difícil ficar indo e vindo, então a gente acabava fazendo outras amizades íamos a outros lugares...

Adiante voltaremos a abordar a questão da ligação entre os ilhéus urbanos entre si e com os outros moradores de Florianópolis.

“Ponto Chic” e a unificação da vida social da ilha

O ‘*ponto chic*’ foi um botequim surgido em uma época onde Florianópolis vivia um dualismo social, gerado no plano partidário: PSD x UDN. Segundo a coluna de Sérgio Ramos da Costa no jornal Diário Catarinense de 20 de Setembro de 2004, esse dualismo se estendeu pela vida social da cidade. Florianópolis, como um todo, era segregada: os partidários do PSD freqüentavam o clube ‘12 de Agosto’, torciam pelo Avaí no antigo campo da liga⁶ e se encontravam no ‘Café Nacional’. Os simpatizantes da UDN, por sua vez, acompanhavam o Figueirense, freqüentavam o ‘Lira Tênis Clube’ e se encontravam no bar do ‘Quidoca’. A rivalidade não parava por aí. Nas manhãs dominicais, ela se estendia pelas águas da baía sul, nas disputas de regatas entre os clubes Martinelli e Aldo Luz, respectivamente “representados” por PSD e UDN. É master identificar que já havia uma pré-disposição rival no campo político, naturalmente transferida para o campo territorial, às vezes não somente no mesmo espaço, a exemplo das águas da baía sul, cenário das disputas das regatas, como também nos processos de demarcação territorial: onde um tomava o café, o outro não.

O crescente sucesso deste sagaz botequim da esquina da “Felipe com a Trajano” pode ser creditado à disposição física do estabelecimento. Ao contrário dos bares e lanchonetes onde costumeiramente o cliente sentava-se à mesa e logo vinha o garçom com um bule de café para servi-lo à xícara; o ‘*Ponto Chic*’ possuía um ambiente mais informal, onde tomava-se o tradicional “cafezinho” em pé, no balcão, e as pessoas formavam diversas “*rodinhas*” para os tradicionais bate-papo e saber as últimas

⁶ O Campo da Liga era localizado no encontro das Avenidas Beira-Mar Norte e Mauro Ramos. À época, a parte central da ilha terminava mais ou menos naquelas intermediações e o que estava adiante já era considerado “longe”, fora da área urbana da cidade. Hoje a Avenida Beira-Mar Norte ganhou mais alguns quilômetros de extensão e se tornou a principal via de ligação entre o Centro e o Norte da Ilha (totalmente urbanizado, exceção feita a pequenas propriedades de nativos remanescentes), além de ser uma das regiões mais nobres da cidade, apresentando um dos mais altos padrões de especulação imobiliária na urbe. O Campo da Liga foi extinto e em seu lugar existe hoje um *shopping center*.

novidades. Como os meios de comunicação da época eram escassos e não abrangiam a maioria dos ilhéus, o *'Ponto Chic'* era um lugar onde se fazia circular as notícias. Segundo Seu Aldo, um dos *'senadores'* (explicaremos adiante) “no *'senadinho'* era uma maravilha, tinha um *'grupinho'* *'aqui'*, outro *'ali'*, mas todo mundo se cumprimentava, se falava, se conhecia”.

Como se pode observar o *'Ponto Chic'* além de ter exercido uma função social muito importante em Florianópolis - ter sido o responsável pela quebra da dualidade social e política da ilha, constituiu também o que referimos anteriormente como o estágio inicial da construção de um território, gerado pela relação de indivíduos em um mesmo espaço construindo valores morais, funcionais e simbólicos. Após a formação da localidade específica, os frequentadores mais fiéis do *'Ponto Chic'* organizaram-se e fundaram o *'Senadinho'*⁷. Podemos caracterizá-lo como uma espécie de confraria dos mais assíduos clientes do *'Ponto Chic'*. Uma associação com diretoria foi criada para o *'Senadinho'*, e como a manda a tradição, o presidente confere, até hoje aos membros “mais ilustres” o diploma de “Senador”. Uma forma de valorizar e reafirmar a identificação desses ilhéus urbanos com um espaço territorializado por eles próprios. Unidos em um bar, formaram o principal centro de convivência social da urbe durante décadas. Dentro da perspectiva abordada por Haesbaerth há pela primeira vez a construção de uma identidade territorial. Tem-se, aqui, o estabelecimento de uma relação entre o espaço físico (*'Ponto Chic'*), sua transformação em localidade e finalmente seu reconhecimento como território (*'Senadinho'*) daqueles que ali conviviam diariamente. Para Haesbaerth (p. 44):

Assim, no que estamos denominando aqui de identidades territoriais, escolhem-se (ou, concomitantemente, reconstruem-se) espaços e tempos, geografias e histórias para moldar uma identidade, de modo que os habitantes de um determinado território se reconhecem de alguma forma, como participantes de um espaço e de uma sociedade comuns.

Conforme mencionado anteriormente, o *'Ponto Chic'* era frequentado majoritariamente pelos ilhéus urbanos. Aos frequentadores mais fiéis, aos mais antigos ou aos personagens ilustres e folclóricos da cidade, oferecia-se (e é oferecido ainda hoje) o diploma de *'Senador'*. Um título simbólico, calcado no exercício da territorialidade feito pelo homenageado, sua importância social para o grupo. Em Florianópolis, são comuns esses títulos honorários, como por exemplo, o prêmio que o renomado jornalista local Aldírrio Simões confere desde 1988 aos personagens “*figuraças*”⁸ da cidade: o troféu “Manezinho da Ilha”. Porém o título de *'senador'* possui um ingrediente especial. Cidadinos ilustres, como o artista plástico Picolé e o talvez mais “*senador dos senadores*”, Alcides Ferreira, são alguns dos exemplos de ilhéus urbanos agraciados com o diploma. Mesmo que nem todos os frequentadores tenham ganhado título (alguns até guardando mágoas), é master reconhecer o *'Ponto Chic'*, por mais de seis décadas, a principal identificação territorial já vista em Florianópolis, através de sua “confraria”, o *'Senadinho'*.

⁷ Na calçada em frente ao *'Ponto Chic'*, é possível visualizar uma arte interessante, feita em *'petit-pave'*, de uma plenária com uma mesa e sete cadeiras para os senadores. Há também uma inscrição também dizendo SPQF, do latim *Senatus Populusque Florianopolitanus*. (“Senado Para Qualquer Fofoca”).

⁸ Gíria relativa à pessoa conhecida por seu folclore, sua especificidade que a torna querida por todos no meio onde convive.

Todos estes frequentadores do finado botequim, fizeram de um espaço pioneiramente democrático na ilha, um território, conseqüentemente fazendo dele sua territorialidade, a construção de valores, de símbolos e de convivência social. Florianópolis tinha pela primeira vez uma central de “fatos e boatos”⁹

Multiterritorialidades: o caso da extinção do ‘Ponto Chic’

Em 2004 o espaço comercial onde se localizava o ‘Ponto Chic’, foi vendido para uma empresa de financiamentos e crédito pessoal, conseqüentemente levando o botequim à extinção, mesmo sob os protestos. Fazendo uso da abordagem de Haesbaerth (p. 46), atribuímos a extinção do ‘Ponto Chic’ ao processo de multiterritorialidade:

A mobilidade crescente e a complexidade das relações espaço-tempo na atualidade levam à constituição de territorialidades (ou melhor, processos de territorialização) também mais móveis e de caráter múltiplo (...) Assim, ocorre igualmente uma mutação nas formas da relação entre território e identidade, tanto no sentido território-identidade, porque a territorialização se tornou múltipla e complexa, afetando as nossas construções identitárias, quanto no sentido identidade-território, pois os processos de identificação nunca foram tão mutáveis nem estiveram afetados por tamanha multiplicidade e/ou hibridismo cultural, repercutindo assim na intensificação do fenômeno que denominamos de multiterritorialidade.

Apesar da importância histórica e cultural do ‘Ponto Chic’ (Impossível deixar de lembrar do episódio da “Novembrada”¹⁰, por exemplo) e mesmo do ‘Senadinho’ para a cidade, o fato é que décadas se passaram e os ‘senadores’ que fundaram o território “democrático” do ‘Senadinho’, vieram naturalmente a falecer, levando consigo um pouco da territorialidade existente ali. O centro de Florianópolis já não era mais reduto exclusivo dos ilhéus urbanos há muitos anos e a tradição de décadas construída num botequim de esquina entre as ruas Felipe Schmitt e Trajano era apenas uma entre as várias facetas das identidades territoriais de Florianópolis. À ponte Hercílio Luz (hoje desativada para qualquer atividade de trânsito), soma-se hoje duas outras pontes que dinamizam o trabalho logístico dos mais de 841 mil habitantes da região metropolitana de Florianópolis (IBGE, 2007). O Norte da Ilha que outrora era o “interior” de onde provia o autêntico “manezinho da ilha”, com a interferência do político Jorge Daux – responsável pela construção das vias que ligam o centro ao norte da ilha - transformou-se numa das zonas mais densamente povoadas do município: principalmente pelos “gringos” – apelido dado pelos ilhéus a qualquer turista ou imigrante vindo de outro país – e “estrangeiros” em geral, vindo de outras cidades, estados e até mesmo os Argentinos detém alguma parcela dessa urbanização.

⁹ Expressão retirada da coluna de Sérgio Ramos da Costa no Diário Catarinense de 20 de Setembro de 2004.

¹⁰ A “Novembrada” ocorreu em 30 de Novembro de 1979, durante visita à Florianópolis do então presidente da república General Figueiredo. Durante todo o cortejo do general, manifestações e vaias o seguiram, incomodando-o profundamente. Ironicamente, foi tomando um café no ‘Ponto Chic’, em meio a multidão, que o general Figueiredo entrou em luta corpoal com alguns manifestantes que insistiam em protestar, dando início a uma confusão generalizada que culminou na prisão de sete estudantes, enquadrados pela “Lei da Segurança Nacional”. Segundo CALDAS FILHO (p. 118), os estudantes foram absolvidos pela Justiça Militar de Curitiba, por falta de provas, dois anos depois.

Pouco tempo depois da extinção, uma manobra “ressuscitou” o *‘Ponto Chic’* mas não em detrimento da história e tradição do botequim. Por lei, não pode haver atividades comerciais relacionadas a firmas de finanças (bancos, empresas de empréstimos, financeiras etc.) no calçadão da Rua Felipe Schmitt. Desta forma, a financeira hoje instalada no local “reabriu” o botequim com o pretexto de estar dentro da legalidade e obter a licença de funcionamento perante a prefeitura municipal.

Esporadicamente existem ainda reuniões do *‘Senadinho’* mas, o fato é que com a instalação da financeira, o espaço físico foi tomado por mesas de atendimento e computadores. Como foi abordado muito apropriadamente por Souza (p. 81) “Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) (...) podem ter caráter permanente, mas também ter uma existência periódica, cíclica”. Concordamos também com a afirmação de Haesbaerth (p. 47): “muito mais do que desterritorialização, em geral é de uma multiterritorialidade que se trata”.

A “migração” e o novo processo de territorialização no *‘Bob’s’*¹¹

Dizer que os freqüentadores do *‘Ponto Chic’* e mais especificamente, os membros do *‘Senadinho’* migraram para outros lugares não é exatamente apropriado. Houve de fato um abandono generalizado dos fregueses do local. Segundo Seu Miguel, um dos *‘senadores’*:

O *‘Senadinho’* ficou desconfortável. Porque lá dentro agora não tem mais onde ficar, funciona aquela financeira. A financeira descaracterizou completamente o lugar. Completamente. A identidade que tinha lá foi toda perdida. Eles só abriram o café ali porque precisavam do alvará, não tão interessados... Ainda tem gente que vai ali tudo, mas não tem mais ‘aquela coisa’... Perdeu totalmente a característica.

De acordo com os idosos entrevistados, não se pode generalizar que ocorreu uma migração. Mesmo porque, aqueles oriundos das primeiras gerações dos antigos freqüentadores do *‘Ponto Chic’* já morreram. Dos que estão vivos, efetivamente são poucos os que detêm o diploma de *‘Senador’*. De todo modo é possível dizer que os fregueses do *‘Ponto Chic’* tenham mudado o ponto de encontro em função da extinção do botequim, todavia o fato não chega a caracterizar efetivamente um processo migratório.

Durante as entrevistas foi possível constatar, mais do que uma possível migração, ou um resgate do valor histórico, do sentimento idílico que carrega o *‘Senadinho’*, que acontece hoje no *‘Bob’s’*, curiosamente, um novo processo de territorialização. Investigando os entrevistados, chegamos à conclusão de que mesmo não considerando que existiu uma “migração” dos ex-freqüentadores do *‘Ponto Chic’* para o *Bob’s*, a extinção do botequim está intimamente ligada com este novo processo. O *‘Ponto Chic’* foi extinto em 2004, data aproximada da referida pela maioria dos entrevistados a respeito da época em que eles começaram a freqüentar o *‘Bob’s’*. Podemos afirmar isso com base no fato de que o *‘Senadinho’* ainda existe, com sua associação, seu presidente e seus membros *‘Senadores diplomados’*. Existe não mais como território (ainda que casualmente aconteçam encontros no mesmo local, mas já totalmente descaracterizado frente à nova função do lugar), mas como identidade tradição e como símbolo. Há de se admitir, todavia, que ele ainda existe no nome do botequim controlado pela financeira na esquina da “Felipe com a Trajano”, ainda que se

¹¹ Uma das maiores e mais famosas redes de *fast-food* do Brasil.

reconheça, no senso comum, que o botequim de hoje, nada carrega do de antigamente, exceto o nome na fachada e os desenhos na calçada.

Alguns dos entrevistados chegaram a confessar que nunca sequer freqüentaram o '*Ponto Chic*'. Outros, como já citado anteriormente, não freqüentavam, ou freqüentavam o botequim esporadicamente, devido à dificuldade logística de algumas décadas atrás, quando os moradores da parte continental e do então 'interior da ilha' de Florianópolis não possuíam fácil acesso ao centro e, portanto, não estabeleceram laços sociais fortificados, a exemplo dos ilhéus urbanos entre si. Há nesse caso uma junção dessas partes, como o Seu Nilton (citado anteriormente), morador da parte continental e que na época de '*Ponto Chic*' não freqüentava o local pela dificuldade logística; hoje é amigo dos ilhéus urbanos '*Senadores*'. Esses exemplos, somado à nossa curiosidade sobre o novo processo de territorialização, reafirmam muito bem a abordagem proposta por Haesbaerth sobre multiterritorialidades:

O aumento das migrações pode levar tanto a uma proliferação de micro-espacos de identidade, segregados/segregadores, quanto a um entrecruzamento de traços culturais que produzem espacos efetivamente híbridos, virtuais articuladores de novas e mais abertas identificações territoriais. [...] (p. 49)

À citação acima não referimos, obviamente, o termo "migrações" ao fenômeno da extinção do '*Ponto Chic*' e a vinda de alguns dos remanescentes das épocas passadas para o '*Bob's*', mas trata-se da dinâmica urbana de crescimento e desenvolvimento permitindo que os cidadãos afastados do centro ilhéu desloquem-se, hoje, com mais facilidade e intensidade, principalmente.

Sobre ex-freqüentadores do '*Senadinho*', alguns estão participando deste novo processo de territorialização. É o caso do Seu João José, que não é '*Senador*' porém é da "*turma das antigas*", e revelou: "*Todo dia eu passo por ali (ex- 'Ponto Chic'), ainda. Vejo se tem alguém, bato um papinho e depois venho pra cá*". Para ele outro fator que contribuiu e muito para o abandono dos fregueses do botequim, mesmo após a reabertura, é o fato de que o novo '*Ponto Chic/Senadinho*' funciona somente durante o expediente comercial. "*Depois das 19h eles baixam a porta*", disse Seu João José tendo sido mais um a afirmar que só reabriram o '*Ponto Chic*' pelo interesse em obter o alvará de funcionamento.

Ao contrário do que se possa imaginar, esses idosos demonstram não sentir pelo fim do '*Ponto Chic*'. O bucolismo e o idílico de um passado extremamente rico em história e memórias são aqui cultivados em bate-papo e boas lembranças. O fato dos "novos freqüentadores" não terem sido fregueses antigos do '*Ponto Chic*', acaba não fazendo diferença na parcela que lhes cabem neste processo de territorialização. Mas mesmo '*Senadores*' e fregueses do ex-botequim, que em tese teriam todos os motivos para lamentar a extinção do '*Ponto Chic*' e a interrupção de uma identidade territorial caracterizada durante décadas, parecem estar aprovando a idéia de um novo processo de territorialização. Para Seu Miguel, outro '*Senador*', "*o 'Bob's' é o espaco mais democrático da cidade. A gente gosta de vir aqui porque tem movimento*", disse ele, fazendo uma brincadeira em seguida: "*descanso é o cemitério. Lá eu vou descansar bastante*". Para a maioria dos entrevistados, o principal atrativo do '*Bob's*', além da proximidade geográfica com o '*Ponto Chic*' (cinquenta metros aproximadamente), é a "*cadeirinha*". O *fast-food* dispõe de dois andares repletos de mesas e cadeiras, além de possuir uma parte externa também com mesas, sendo essas da parte externa as mais procuradas pelos idosos, pelo fato de poderem ficar sentados juntos ao "movimento" e próximos ao balcão de onde é servido o cafezinho. Podemos observar, também, que

ocorre um processo de interação mútua entre os idosos e os funcionários do 'Bob's' – em sua maioria jovens na faixa etária de 16 a 25 anos. Os entrevistados destacaram que se sentem acolhidos ali, bem atendidos pelos funcionários.

Neste clima de bom humor, esses idosos misturam-se: 'Senadores', ex-frequentedores do 'Ponto Chic' não “diplomados”, idosos de outros lugares (do continente e do interior da ilha, por exemplo) e até mesmo homens de meia-idade, os “futuros idosos”, estão formando no 'Bob's' a “nova central florianopolitana de fatos e boatos”. Os assuntos discutidos são os mais gerais e corriqueiros, tais como futebol política, memórias, “fofocas”, e até mesmo “paqueras” não são descartadas. Durante a entrevista, Seu Nilton olhou para a porta, certo momento, e comentou, coçando o bigode com a voz baixa em tom de fofoca, porém expressando extrema satisfação: “*Olha só o 'pescado' que vem vindo, que 'deusa'!*”, referindo-se a uma mulher que adentrou o 'Bob's'.

A nosso ver, ainda é precoce afirmar que este processo de territorialização esteja caracterizado e que o grupo de idosos que freqüentam o 'Bob's' já apresente uma identidade territorial própria, com valores, costumes, símbolos... Alguns carregam o legado de um passado mais ou menos recente do 'Senadinho', outros querem desfrutar a “melhor idade” fazendo novas amizades em um lugar “democrático”, movimentado e carregado de histórias cotidianas. Ainda há também, aqueles que na iminência de uma terceira idade mais ou menos próxima, também começam a freqüentar o local. O que podemos abstrair é a formação de uma localidade específica no 'Bob's'. Como salientamos no início deste ensaio, a temporalidade da construção de um território é imprevisível, pois depende das variáveis que a compõe, ficando, dessa forma, uma lacuna a ser preenchida no que tange aos rumos deste processo de territorialização e sua efetivação enquanto território, bem como das características deste território que habilitam o grupo em questão exercer a territorialidade.

Considerações Finais

Como salientou Haesbaerth:

Com a globalização, não só muitas identidades envolveram-se num movimento mais aberto em termos de novas hibridações, como o próprio espaço e o território passaram a ser construídos de forma muito mais múltipla e complexa. Neste sentido, reconhecemos analiticamente, que a construção de identidades territoriais envolve um movimento que vai da identidade ao território e do território à identidade. Embora na prática estejam sempre articuladas de forma concomitante e indissociável, alguns casos sugerem reconhecer o predomínio de uma direção em relação à outra, sobretudo para enfatizar o papel das representações territoriais nesses contextos (p. 55).

A abordagem esclarece o fenômeno de um novo processo de territorialização de idosos, identificado neste ensaio, que está se desenvolvendo, há cerca de cinco anos, na mesma parte central de Florianópolis, cinquenta metros “pra cima” de onde, na década de 40, nasceu um botequim que reconstruiu a identidade social dos ilhéus urbanos. É bem verdade que hoje praticamente todos os habitantes da Ilha de Santa Catarina são ilhéus urbanos, fato consumado através da desenfredda dinâmica urbana de expansão e desenvolvimento.

Indubitavelmente fica um legado do *'Ponto Chic'*. Possivelmente, se o *'Ponto Chic'* não tivesse sido extinto, talvez existisse ainda hoje, com sua territorialidade sempre em caráter intrinsecamente mutável, como sugerem nossos referenciais (Haesbaerth, p. 52), e os idosos que hoje fazem do *'Bob's'* uma nova localidade específica talvez estivessem agrupando-se aos *'Senadores'* dali e constituindo remontagens de uma mesma identidade territorial. Porém, como já abordamos, é precoce tentar identificar uma característica fundamentada sobre este processo de territorialização, que ainda é recente.

Entretanto, este ensaio é o primeiro resultado de uma pesquisa maior que se inicia no recorte espacial do *'Bob's'* e da praça anexada ao Palácio Cruz e Souza, defronte ao *fast-food*. Esta pesquisa maior objetivará compreender e analisar a origem de um conflito (possivelmente caracterizado por processos de territorialização distintos em uma mesma localidade) entre os idosos, abordados neste ensaio, e adolescentes, em sua maioria estudantes de ensino médio e cursos pré-vestibulares que também naquele recorte espacial (ao que parece) realizam um processo de territorialização.

De todo modo, é nosso compromisso frisar que o objeto de estudo deste ensaio (os idosos frequentadores do *'Bob's'*) continuará sendo investigado e analisado para quem sabe num futuro, dependendo das variáveis condicionais da temporalidade deste caso, possamos suscitar reflexão acerca de uma identidade territorial de idosos formada e caracterizada no recorte espacial de nosso estudo.

REFERÊNCIAS

CALDAS FILHO, Raul. **Oh! Que Delícia de Ilha**. Florianópolis: Lunardelli/Propague, 1995.

COSTA, Sérgio Ramos da. Réquiem pelo Ponto Chic. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 20 de Setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.gardenal.org/cartaberta/textos/014356.html>>. Acesso em: 09 de Fevereiro de 2008.

FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural) à essencialização das identidades. In: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de; HAESBAERTH, Rogério (org.). **Identidades e Territórios: Questões e Olhares Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 33-56.

HENNING, Carlos Eduardo. **As Diferenças na Diferença: Hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC**. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

IBGE. **Contagem da População 2007 e Estimativa da População 2007**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/SC.pdf>>. Acesso em: 10 de Fevereiro de 2008.

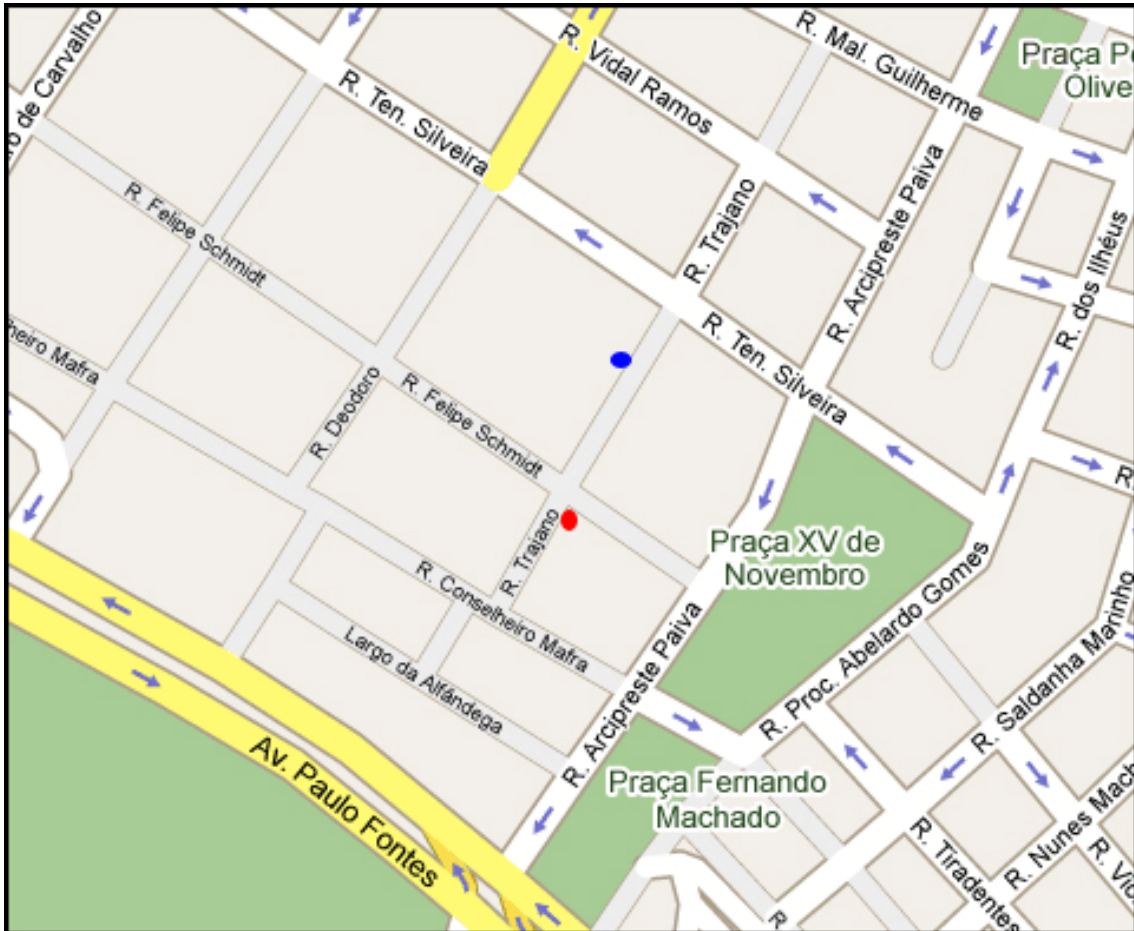
SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

VELHO, Gilberto. O Desafio da Proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (org.). **Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 11-19.

ANEXOS

ANEXO 1

Recorte Espacial



Legenda:

● Senadinho

● Bob's